VANUZA LOPES VIEIRA

O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL EM TURMAS DE ENSINO MÉDIO: UM OLHAR CRÍTICO A PARTIR DA VIVÊNCIA NO ESTÁGIO

Campina Grande - PB

2016.

VANUZA LOPES VIEIRA

O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL EM TURMAS DE ENSINO MÉDIO: UM OLHAR CRÍTICO A PARTIR DA VIVÊNCIA NO ESTÁGIO

Relatório apresentado ao Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigência para obtenção do título de graduada do Curso de Letras Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Ma. Cleia Gurjão Carneiro

Campina Grande - PB

2016.

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

V657p Vieira, Vanuza Lopes
O processo de ensino e aprendizagem de leitura e produção textual em turmas de ensino médio [manuscrito] : um olhar crítico a partir da vivência no estágio / Vanuza Lopes Vieira. - 2016.
24 p. : il. color.

Digitado.
Relatório de Estágio Supervisionado (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Ma. Cleia Gurjão Carneiro, Departamento de Letras e Artes".

1. Estágio supervisionado. 2. Prática pedagógica. 3. Leitura. 4. Escrita. I. Título.

21. ed. CDD 372.4

VANUZA LOPES VIEIRA

O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL EM TURMAS DE ENSINO MÉDIO: UM OLHAR CRÍTICO A PARTIR DA VIVÊNCIA NO ESTÁGIO

BANCA EXAMINADORA:

Nota: 7,5

P/ Amasile Coelho L. C. Sousa 7,5
Profa. Ms. Clea Gurjão Carneiro

Marta Anaísa Bezerra Ramos 7,5
Profa. Dra. Marta Anaísa Bezerra Ramos

Amasile Coelho L. C. Sousa 7,5
Profa. Ms. Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa

Campina Grande - PB
2016.

O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL EM TURMAS DE ENSINO MÉDIO: UM OLHAR CRÍTICO A PARTIR DA VIVÊNCIA NO ESTÁGIO

Vanuza Lopes Vieira
vanuzalv@gmail.com
UEPB

RESUMO

Objetivamos neste trabalho faz uma reflexão sobre a prática de leitura e produção textual sob um olhar da vivência do Estágio Supervisionado realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Raul Córdula, numa sala de aula do ensino médio. O estágio supervisionado é uma etapa indispensável na formação do futuro professor, pois é através da regência que o aluno-professor aprimora competências essenciais para o seu futuro desempenho docente. Dessa forma, indagamos: como o Estágio ajuda o aluno-estagiário na formação do professor de Língua Portuguesa? Qual é a melhor metodologia para trabalhar a leitura e a escrita numa sala de aula de ensino médio? A metodologia utilizada contribui para o processo ensino e aprendizagem? Neste trabalho, tentaremos responder essas e outras questões baseados nas literaturas que fundamentam tal estudo. Para isso, nos apoiamos em teóricos a exemplo de: Pimenta e Lima (2004), Almeida (2013), Soares, (1988), entre outros. Considerando que o estágio Supervisionado permite a confirmação das teorias estudadas com a prática da regência, entendemos que faz-se necessário que o professor-aluno investigue o contexto educativo na sua complexidade e reflita sobre a sua prática profissional e as práticas escolares, de modo a enfrentar os desafios e problemas que essas práticas apresentam e tentar resolvê-los através de um comportamento crítico-reflexivo ancorado nas teorias que dizem respeito ao processo ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado. Práticas pedagógicas. Ensino de leitura e escrita.

SUMMARY

Proposed in this work is a reflection on the practice of reading and textual production in a look of experience of supervised internship performed at the State School of Elementary and Secondary Education Prof. Raul Cordula, a high school classroom. The supervised training is an essential step in the formation of the future teacher, it is by conducting the student-teacher enhances core competencies for their future teaching performance. Thus, we ask: how the stage helps the student-trainee in teacher of Portuguese Language? What is the best methodology to work reading and writing in a high school classroom? The methodology contributes to the teaching and learning process? In this work, we will try to answer these and other questions based on literature that support such a study. For this, we rely on theoretical sample: Pepper and Lima (2004), Almeida (2013), Smith (1988), among others. Whereas the Supervised stage allows confirmation of the theories studied with the practice of conducting, we understand that it is necessary that the teacher-student investigate the educational context in its complexity and reflect on their professional practice and school practices in order to face the challenges and problems that these practices are and try to solve them through a critical and reflective behavior anchored in the theories concerning the teaching and learning process.

Keywords: Supervised Internship. Pedagogical practices. teaching reading and writing.

1. Introdução

O Estágio Supervisionado na área de licenciatura é uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9394/96). Ele desempenha um importante papel na formação do futuro profissional.

Para que a base profissional do futuro professor seja solidamente formada, de modo a atender às necessidades impostas ao desempenho docente, torna-se necessário que essa formação, esteja firmada em concepções e práticas que levem à reflexão no sentido de promover os saberes teóricos e práticos, permitindo ao professor uma aná[illegible]
02
integral e sistemática da ação educativa de forma investigativa e colaborativa. Como diz Pimenta e Lima (2004), O estágio "é o eixo central na formação de professores, pois é através dele que o profissional conhece os aspectos indispensáveis para a formação da identidade e dos saberes do dia a dia". (p. 29)

Essas formas investigativas e colaborativas permitem ao estagiário repensar constantemente a teoria e a prática, de forma a desenvolver a reflexão sobre o ser professor. Para isso, ele deve ir além do conhecimento enciclopédico e perceber a escola numa teia de relações criando condições para inserir-se nas experiências sociais de modo a tornar a prática pedagógica uma constante releitura da ação.

Dessa forma, concebendo a relevância do problema em estudo, nossa pesquisa tem como objetivos: apresentar, refletir, mediante os subsídios teóricos que serão discutidos na fundamentação teórica, em aulas práticas, dinâmicas e produtivas à experiência como professora-estagiária nas turmas do ensino médio do Colégio Raul Córdula, localizado no bairro do Cruzeiro, na cidade de Campina Grande-PB, relatando o que foi vivenciado no período do estágio. Além de procurar fazer uma reflexão crítica sobre o ensino de leitura e a escrita numa sala de aula de ensino médio.

Nossa pesquisa se justifica por entendermos que o papel da escola é formar leitores proficientes e escritores competentes. Diante disso, torna-se necessário refletir e analisar a respeito do processo de ensino e aprendizagem de leitura e produção textual em turmas do médio, demarcadas nos documentos oficiais que orientam o ensino de Língua Portuguesa no Brasil, uma vez que esses documentos propõem uma reorganização do sistema educacional brasileiro. Além de outros teóricos que tratam do assunto. Pois entendemos que a leitura e a escrita são atividades fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e social do indivíduo.

Muitas são as teorias concernentes à prática da leitura e da produção de textos. Todas tiveram o seu valor no seu devido tempo, pois sabemos que há nas ciências um evoluir constante que permite a construção e desconstrução de conhecimentos vigentes. Nos estudos científicos sobre a prática de leitura não é diferente, "(...) a leitura vem conquistando seu espaço em meio às questões educacionais e nos últimos anos tem sido assunto de muitas discussões (...)" (Maria, 2008). O exercício da leitura seja ela literária ou não e as produções textuais em sala de aula ou em outro ambiente educativo é considerado por alguns alunos, como um trabalho árduo, difícil de lhe dá, até pela falta de incentivo, de motivação, do mesmo modo, da falta de execução de projeto, empoeirados, arquivados nos armários das escolas, voltado exclusivamente para essa política.

O educador deve utilizar-se de metodologia, e esta tem de ser bem elaborada, de fazer dessa atividade algo que realmente seja prazeroso e gratificante. Pois, somos sabedores que essa prática e o domínio da língua escrita e as produções de textos tornam-se, cada vez mais, uma necessidade indispensável para a inserção dos indivíduos dentro do contexto social do qual está inserido, sem falar das leituras literárias seja ela brasileira ou estrangeira. "A escola ensina a ler e a gostar de literatura" (Abreu, 2006). Em dissonância com a autora somos cientes de que a literatura não se faz presente no cotidiano das escolas como deveria, não em todas. Por essa razão, professor algum de literatura poderá se esquivar de colocar em ação leituras, sugestões, esclarecimento, observação que incitem nos alunos a empatia, o senso crítico, à aptidão especulativa, e seja desta maneira, passível de cintilar essa realidade imprecisa da qual chamamos de universo literário.

Os Parâmetros Curriculares (2001) apontam que a leitura, como prática social, é sempre um meio, nunca um fim. Assim sendo, a leitura tem caráter essencial e determinante na construção e no crescimento cognitivo do sujeito, e a escola possui um papel essencial no desenvolvimento dessa construção. Para tanto, esta pesquisa tem como propósito discutir, refletir e entrelaçar metodicamente considerações pertinentes à importância da escola, do educador e por que não dizer, da família em relação ao estímulo à leitura na composição de futuros leitores formadores de opinião comprometidos com o crescimento do seu aprendizado.

A ausência dessa prática nas escolas tem prejudicado alunos no que tange à falta de confiança em si mesmo, em suas próprias qualidades ou capacidades de ler e produzir textos. Nesse sentindo, ancoramo-nos nos pensamentos de teóricos da área de

Letras, cujas contribuições permitem o aprofundamento de nossos conhecimentos referente às concepções de leitura e produção textual para o aprimoramento de sujeitos sociais, capazes de desenvolver a prática de produção textual na escola e em suas funções sociais.

O artigo encontra-se organizado em vários momentos: o primeiro, em que situamos o embasamento teórico do ensino de leitura e escrita em Língua Portuguesa; e o segundo, em que fazemos uma caracterização da escola de campo, num terceiro momento, explicamos a metodologia utilizada na pesquisa, por fim, temos o horizonte de expectativa, os resultados, as considerações finais, as referências o relato de experiência.

2. Fundamentação Teórica

2.1 A leitura e a escrita em sala de aula

A discussão sobre o ensino de leitura e escrita em sala de aula ainda é uma constante em reuniões de professores, pedagogos, bem como nos Projetos Pedagógicos constituídos para esse fim.

Uma das maiores preocupações dos docentes é como ensinar, daí a necessidade de a escola agenciar práticas de leitura e de escrita mais efetivas que subsidiem os alunos nos usos escolares e extraescolares da leitura, pois, esse processo leitura-escrita não pode ser limitado como um exercício delimitado ao contexto escolar, uma vez que por meio da função social da linguagem, a leitura e a escrita devem ser idealizadas pelo aprendiz, não somente como um conteúdo pedagógico a ser assimilado para ser qualificado. Mas, para que isso se realize é imprescindível que a escola articule esta compreensão nos alunos, o qual só pode ser factível se a instituição de ensino compartilhar com ela de forma harmoniosa por meio de seu desempenho com esta reflexão. Nesse sentido, "O processo de leitura e de escrita deve levar o aluno a assimilar valores e comportamentos, caracterizando-se como ato livre e autônomo e servindo para estimular a criatividade, a imaginação e as emoções dos sujeitos leitores!" (ALMEIDA, 2013, p.11).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) têm como proposta servir de apoio à reflexão sobre a prática diária do professor, o planejamento das aulas e o

desenvolvimento do currículo da escola. O que se propõe é um currículo baseado no domínio de competências básicas.

Os PCN (1997) apontam que a leitura, como prática social, é sempre um meio, nunca um fim. Assim sendo, a leitura tem caráter essencial e determinante na construção e no crescimento cognitivo do sujeito, e a escola possui um papel essencial no desenvolvimento dessa construção. Nesse sentido, a definição apresentada pelos PCN (BRASIL, 1997, p. 69) no tópico: Leitura e produção de textos é a seguinte:

> A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação de texto a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que se propõe sobre a linguagem etc, não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica em estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido permitindo tomar decisões diante das dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimento, validar no texto suposições feitas.

Nessa perspectiva, a finalidade do ensino de leitura deixa de ser exclusivamente o desenvolvimento das habilidades de leitura, e passa a ser o domínio da competência textual na escola e além dos limites escolares, na solução dos problemas da vida como acesso aos bens culturais e a participação plena no mundo letrado.

3.0 Formando leitores no Ensino Médio: Perspectivas para a escolarização da literatura

O ensino de literatura no ensino médio, com raras exceções, prioriza a história da literatura em detrimento ao ato de criar e recepção dessa. Tal ensino vem acompanhado de estratégias de ensino inadequadas, pautado em descrever períodos, estilos e características de autores, além de resumos de obras. O professor de literatura deve ter consciência de que o texto literário, além de sua função estética e poética, dialoga com a história social, por isso, deve levar os alunos a:

> usufruir a experiência estética, refletir criticamente sobre o real, sendo a ficção e reflexão suscitadas por esse tipo de texto e, consequentemente, perceber a Literatura como um conjunto de produções em linguagem carregada de sentidos; uma modalidade artística da linguagem que veicula componentes temáticos e ideológicos a partir dos quais é possível aprimorar a

> compreensão das diversidades econômicas e culturais do mundo em que vivemos. (AGRA, 2010, p. 186)

Segundo o OCEM (2006, p.80), "o letramento literário permite compreender o valor da escrita e da leitura literária para aqueles que a utilizam e dela se apropriam nos contextos sociais, [...]". Um dos objetivos dos estudos literários é trabalhar a cognição do aluno, ensinando-o a ler - a apreender os significados do texto e (re)significá-los. Além disso, os discentes devem aprender a estabelecer intertextualidade com suas outras leituras, de modo a relacionar os sentidos explicitados diante de um texto lido, os quais influenciarão na formação leitora e intelectual que esses jovens carregarão consigo por toda a vida.

Ao chegar ao nível médio, o aluno é surpreendido com uma imensidão de informações que, muitas vezes, nunca lhes foram apresentadas no ensino fundamental. São novas disciplinas que, dependendo do modo como são apresentadas para o discente, ele pode ou não se identificar com o assunto e assim, provocar um distanciamento ou uma aproximação do mesmo, com relação ao conteúdo que lhe possibilitará entender sua realidade e a realidade dos outros, ao mesmo tempo. Por isso, o docente deve ter cuidado ao apresentar os conteúdos literários para os jovens nessa fase escolar em face às dificuldades que os mesmos trazem consigo.

A leitura de livros literários tem que ser um acontecimento que cause espanto, fascínio, que proporcione experiências distintas dependendo da vida de cada aluno e a percepção que é remetida a essa história. "Se forem propostos de maneira viva, instigante, os conteúdos e métodos educacionais trabalhados no Ensino Médio podem ajudar os alunos a produzirem e apreciarem as linguagens artísticas e a continuar a aprender arte à vida toda" (PCN, 2000, p.50). Em consonância com os PCNs, essa proposta de leitura pode causar interações distintas para cada aluno, como cada aprendiz poderá estabelecer diálogo de maneira divergente entre eles com o mesmo texto, em outros momentos de leitura. Levando em consideração essas situações que podem ocorrer com os alunos principiantes no ensino médio, podemos considerar que

> o intuito do processo de ensino e aprendizagem de Artes é, assim, o de capacitar os estudantes a humanizarem-se melhor como cidadãos inteligentes, sensíveis, estéticos, reflexivos, criativos e responsáveis no coletivo, por melhores qualidades culturais na vida dos grupos e das cidades, com ética e respeito pela diversidade. (PCNs, 2000, p. 55)

Nesse sentido, a literatura pode ser instrumento dessa diversidade cultural ela "aparece claramente como uma manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela" (CANDIDO, 2004, 174). Reverenciando o que Candido diz, pode-se apreciar todo o conjunto que se refere à cultura, especificamente à literatura propriamente dita; que conjunto seria esse? Existe um mundo diversificado de artes, poderia ser de maneira, teatral, das produções literárias, literatura de cordel, romance, novela, conto, entre outros, que conduzirá o aluno a uma reflexão interpretativa, levando-o para o mundo da imaginação, como também a familiarização deles com a arte. Por isso, para estimular o gosto de seus alunos pela literatura, faz-se necessário que o docente trace estratégias que possibilitem neles, esse prazer pela leitura e a importância que a mesma tem na vida do sujeito.

Dessa forma, a prática de leitura dos textos literários no ensino médio é certamente de suma importância para o discente. Por quê? Porque o texto literário impulsiona um encontro fora do comum com a leitura, uma vez que por meio do convívio com a literatura, o estudante descortina as diversas particularidades da linguagem, relacionando-se com distintos aspectos da Língua Portuguesa, e esses "textos, entre diversas linguagens, pode propiciar a integração entre essas manifestações (...). Essa integração possibilita, por exemplo, toda atividade intertextual, seja no interior de cada uma das linguagens" (PCN+, 2000, p. 63). observamos ainda que

> o processo de ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa deve basear-se em propostas interativas língua/linguagem, consideradas em um processo discursivo de construção do pensamento simbólico, constitutivo de cada aluno e, particular e da sociedade em geral. (PCN, 2000, p. 18).

Portanto, esses textos quando expostos aos discentes em maior multiplicidade, grandiosamente será a experiência que os mesmos terão neste universo inigualável de beleza, fascínio e emoção. Importante ressaltar que, essa leitura não pode confinar-se tão somente aos Clássicos da Literatura, esses, já possuem seus lugares cativos. E por essa leitura requerer um conhecimento mais profundo por parte do aluno/leitor, é necessário que o professor prepare o aluno, de modo a conscientizá-lo que, todo tipo de leitura pode ser propício, os Best Sellers e as literaturas famosas, a literatura popular etc, podem ser empregados, uma vez que essas sejam apresentadas junto com outras leituras literárias que proporcionem o desenvolvimento da criticidade do educando, contrapondo-as.

Contudo, o que temos assistido nas escolas é uma rejeição por parte dos discentes, especificamente no ensino médio no tocante à leitura literária, para eles, a prática dessa atividade não passa de uma imposição, uma ação sistematizada que não produz nenhum tipo de entusiasmo. Se um dos objetivos da escola é formar leitores críticos, cabe à instituição proporcionar um ambiente que seja favorável e que seus profissionais sejam capacitados, e que os professores sejam específicos nessa área. Além disso, as bibliotecas das escolas, geralmente, dispõem de poucos livros de literatura.

> infelizmente, na maioria das escolas brasileiras, a biblioteca, quando existe, é sinônimo de sala de livro didático, não tem funcionários preparados para incentivar a leitura e apresenta coleções tão reduzidas e antigas que um leitor desavisado poderia pensar que se trata de obras raras. (COSSON, 2009 p. 32).

Sabemos que não é fácil conquistar um leitor com as ferramentas que as escolas dispõem, especificamente nas escolas públicas, mas se os gestores junto com sua equipe pedagógica fizessem uma reavaliação de suas práticas, poderiam propor novas maneiras de trabalhar a leitura e a escrita do texto literário de forma mais eficiente e propor novas metodologias de acordo com os estudos atuais dessas disciplinas. Os PCN+ apontam que identificar pontos de partida e obstáculos facilita o desenvolvimento de estratégias e a mobilização de recursos para empreender a construção da nova escola (2000 p. 11). Portanto, mudar esse quadro significa uma renovação de comprometimento com a qualidade da educação pública, como também, ameniza o descaso com o ensino atuando de forma construtiva, criativa e solidária, na ampliação de aquisição de mais conhecimentos, um comprometimento com a inserção de cidadania do sujeito na sociedade.

> A nova escola de ensino médio não há de ser um prédio, mas um projeto de realização humana, recíproca e dinâmica, de alunos e professores ativos e comprometidos, em que o aprendizado esteja próximo das questões reais, apresentadas pela vida comunitária ou pelas circunstâncias econômicas, sociais e ambientais. Mais do que tudo, quando fundada numa prática mais solidária, essa nova escola estará atenta, às perspectivas de vida de seus partícipes, ao desenvolvimento de suas competências gerais, e de suas habilidades pessoais, de suas preferências culturais. (PCN +)

Para isso, a escola junto com sua equipe precisa organizar-se para descobrir as diversas formas de inserção cultural que lhe trará mais segurança no processo de ensino,

proporcionando um aprendizado mais produtivo para os discentes, e, da mesma forma, os conduzam para a leitura de textos diversos, e, assim, essas práticas transformarão, em um futuro próximo, os jovens em leitores habituais. Colomer (2007) aponta que a organização de projetos de trabalhos prolongados se mostra eficiente para juntar as aquisições de leitura e escrita que, muitas vezes, aparecem separadas no âmbito escolar. Essas atividades contribuem de forma significante para o ensino e aprendizagem dos alunos despertando de maneira prazerosa a competência leitora desses discentes.

Se o objetivo dos projetos de leitura é formar leitores capacitados, torna-se incabível que, na época atual, os professores se esquivem e não se apoderem do ensino de literatura em sala de aula de forma dinâmica e atrativa, uma vez que, o projeto pedagógico com vistas à formação do leitor de Literatura deve incluir estruturação de um sistema de trocas contínua, sustentado por uma biblioteca com bom acervo e por outros ambientes de leitura e circulação de livros. (OCEM, p. 72). Dessa forma, a escola como um todo precisa reverenciar a função da literatura como característica artística, associado à libertação do sujeito.

Portanto, o ensino e a prática da leitura e escrita do texto literário deve percorrer caminho da significação das atividades, partindo do princípio de que o aluno a quem se ensina tem uma vida social, lida diariamente com diferentes situações em que a leitura se manifesta com funcionalidade. A atividade da leitura e da escrita deve ultrapassar o modelo estático de aprendizagem, aquele que não produz dinamicidade, criticidade.

4.0 Caracterização da Escola Campo

4.1 Aspectos Físicos

O Estágio Supervisionado foi desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Raul Córdula, no bairro Presidente Médici, Campina Grande – PB. A escola foi construída em 19 de fevereiro de 1995 e trabalha com o Ensino Fundamental e Médio dos nove anos, que vem progressivamente modificando os anos iniciais de 1º ao 5º pelos anos finais do Ensino Fundamental e EJA. A instituição em questão dispunha, no primeiro semestre de 2015, aproximadamente 2500 alunos ao todo - sendo que 358 são crianças nas séries iniciais - 450 são adolescentes com faixa etária entre 18 a 25 anos de idade e em torno de 142 os que fazem o EJA (Educação de

Jovens e Adultos) com faixa etária de 25 a 45 anos. O horário de funcionamento compreendia pela manhã das 07h às 11h:15m - à tarde,das 13:00h às 16h:60m à noite das 19:00h às 22:00h.

4.2 Aspectos Pedagógicos

Em relação aos recursos humanos, a escola tem uma equipe pedagógica formada por uma diretora geral, duas diretoras adjuntas, duas coordenadoras pedagógicas. O quadro de docentes é formado por professores habilitados em disciplinas específicas e conta com uma equipe de 123 funcionários. O corpo discente é formado por alunos, das mais variadas faixas etárias como vimos anteriormente.

4.3 Referencial metodológico

Para a realização deste estudo, tomamos como referência as contribuições da pesquisa-intervenção realizada em aulas de leitura e produção textual no ensino médio, pois esta foi capaz de apontar condições de observação e de intervenção pertinentes ao processo ensino e aprendizagem da língua portuguesa, especificamente nas aulas de leitura e produção do texto literário.

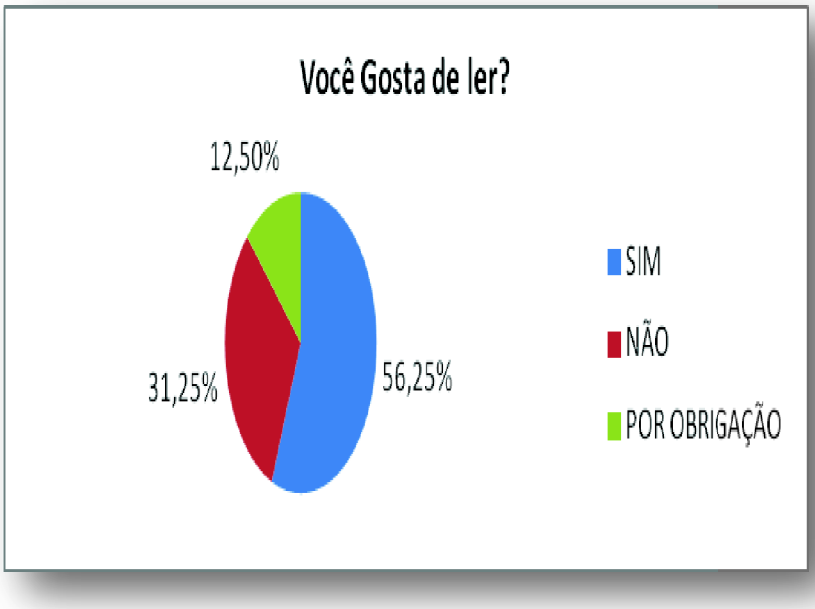
O caminho metodológico da pesquisa foi: Iniciamos com uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de obter informações para se realizar a revisão da literatura sobre leitura e produção de texto. Em seguida, a pesquisa procedeu-se em campo com a intensão de colocar em prática, através de uma sequência didática, o conteúdo que foi visto na teoria.

Por fim, a pesquisa traçada foi posta em prática durante o período de um bimestre. E passou pelas seguintes etapas: leitura e discussão da literatura, elaboração do planejamento pedagógico, aplicação da sequência didática e a elaboração do módulo didático.

5. Horizonte de expectativa

Para entender as dificuldades do processo de ensino e aprendizagem de leitura e produção textual em turmas de ensino médio, consideramos importante apreciação de uma sondagem mediante a um questionário para que, por meio deste pudéssemos conhecer a realidade de cada aluno em seu contexto social possibilitando-nos a realização de um trabalho diferenciado referente a nossa prática didática. Pois entendemos que para bom o desenvolvimento da prática pedagógica é importante que o professor, no primeiro momento de sua ação, dialogue e conheça seus alunos com objetivo de interação entre professor-aluno na construção de conhecimentos coletivos. O questionário é constituído por duas perguntas: você gosta de ler? Você gosta de escrever? O qual está explicitado abaixo:

Gráfico 1: Você gosta de ler?



De acordo com os dados acima, podemos notar que 56,25 % dos alunos dizem gostar de ler, 12,50% não gostam de ler e 12,50 % leem por obrigação.

Foi pedido aos alunos da turma que eles fossem bastante verídicos em suas respostas, visto que os resultados da pesquisa dependem muito da veracidade de suas respostas. Entretanto, os gráficos demonstram certa contradição, pois o consenso popular nos mostra que “o brasileiro não gosta de ler”. Os professores também

reclamam que seus alunos não gostam de ler e a maioria dos alunos afirmaram que gostam de ler. Talvez os alunos não gostem de ler o que a escola manda.

Partindo do princípio de que a leitura é um instrumento essencial para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem da educação, em todos os níveis da sociedade, é preocupante essa contradição, pois entendemos que os sujeitos da referida pesquisa entendem a leitura apenas como um processo de decodificação. Entretanto, é preciso desmistificar noções arcaicas sobre leitura. Uma delas é que ler é simplesmente decodificar e o processo de ensinar a ler não deve centrar-se nas práticas de decodificação, pois, cada texto tem sua função social e o aluno que enxerga a leitura como uma prática social tem um poder transformador na sociedade.

Porém, durante as aulas, percebemos que, quando bem incentivados, os alunos liam com prazer, apesar de alguns terem vergonha de ler em público. Oralmente, perguntamos sobre o que eles gostam de ler, as respostas nos mostraram que dos que disseram gostar de ler, destacaram vários estilos de leitura: Jornal, romance, revistas, crônica, mas, não destacaram nenhum clássico da literatura canônica. Os que leem por imposição e os que não gostam de ler, não destacaram nenhum tipo de leitura. Mas, no final da sondagem, os que responderam que gostam de crônica, nos indagaram: O que é uma crônica? Levando-nos a crer que eles não praticam leituras em sala de aula com gêneros textuais distintos e que suas leituras independem de incentivos do educador.

Gráfico 2: Você gosta de escrever?

No segundo gráfico, “Você gosta de escrever?” Observamos que mais de 50% dos alunos gostam da prática da escrita, 30% não gostam de escrever e 20% muito pouco.

Partindo das respostas, percebemos que os alunos são interessados em aprender, vimos isso *in loco*. Diante das falas de alguns estudantes da turma do ensino médio: “*nós gostamos de estudar, queremos aprender, mas não temos incentivo por parte do professor”,* torna-se evidente a exaustão do professor, ou a falta de compromisso e amor à profissão escolhida para sua realização como profissional, ou ainda, a falta de incentivo por parte de políticas públicas. Percebemos que a maioria dos profissionais não cumpre o juramento feito no ato de sua formação como docente no que diz respeito à ética e respeito à profissão prometendo, em ato público, dedicação e cumprimentos dos seus deveres como professores.

Ainda em relação aos alunos que não gostam de ler e escrever, ou até mesmo os que gostam, seria viável uma reformulação nos Projetos de Leitura baseada nas opiniões dos alunos sobre o que eles gostariam de ler/escrever e inseri-las no referido projeto e de acordo com as novas teorias linguísticas, e assim os professores mudariam suas práticas pedagógicas, tornando-as mais críticas, reflexivas, participativas e atrativas para que os alunos participem plenamente desses projetos e, assim, tornarem-se leitores e escritores competentes, na escola e, por extensão fora dela.

6. Resultados e expectativas

Para viabilizar nossas aulas, elaboramos uma sequência didática para ser aplicada na turma 2º ano regular do ensino médio, programada para dez encontros de duas aulas. Muitas atividades de leitura e escrita foram propostas, porém, não foi possível desenvolver todas com mais intensidade e nem tão pouco conhecer todas as produções textuais devido a problemas ocorridos durante o estágio (greve na escola pública, greve na UEPB), deixando uma lacuna no nosso trabalho em sala de aula.

Mesmo com os problemas ocorridos, notamos a importância de uma sequência didática para o processo ensino e aprendizagem, especificamente quando se trata de ensinar a ler e escrever.

No que se refere à leitura, notamos que a maioria dos alunos não compreende o que lê nas aulas desenvolvidas em sala de aula, mesmo sendo a capacidade de ler é de

extrema relevância na formação do cidadão, que ao apropriar-se da leitura, tem a capacidade de transformar a sua vida e a da sociedade na qual está inserido.

Por esses dados, evidencia-se que esses alunos do segundo ano do ensino médio, ainda estão em um nível elementar de leitura e mesmo assim sentindo muita dificuldade para ler, eles apenas decodificam, a leitura é vista por eles como uma obrigação e não como prazer.

Não podemos conceber o ato de ler como mero exercício de decodificação dos sinais gráficos. Ser um leitor proficiente, com autonomia, sendo capaz de ler, compreender e interpretar o que leu, construindo significados, pressupõe um jogo interativo que envolve conhecimentos prévios, considerados saberes necessários que se tornam operatórios para o próprio ato de ler, segundo Francelino:

> somente uma concepção de leitura que considere não apenas os aspectos linguísticos e cognitivos, mas as nuances históricas, socioculturais e ideológicas que constituem esse processo poderá abranger, adequada e satisfatoriamente, a abordagem desse objeto da sala de aula e fora dela. O professor é aquele que, primeiramente, deve assumir essa mentalidade, tornando-se um sujeito leitor competente e um agente multiplicador dessa visão, para, só então, apresentar-se apto a propiciar ao seu aluno condições de vivenciar o papel de leitor competente. (2010, p.54)

Constatamos que a falta de conhecimento do aluno do ensino médio da função social da leitura corrobora para que estes não gostem de ler na escola e por extensão fora dela. Isso mostra que deve ser dado um novo sentido ao ensino de leitura nesta modalidade de ensino e criar estratégias pedagógicas adequadas e eficientes para dar uma nova dimensão ao ensino de leitura do texto literário. Acreditamos que não existe receita pronta para se formar um bom leitor, mas certamente, há práticas condizentes com os parâmetros de leitura, e com o mundo interior e exterior do aluno que poderão auxiliar a atingir um índice de leitura satisfatório.

Leitura e produção textual são duas atividades que caminham juntas no universo complexo da comunicação. Entretanto percebemos que os sujeitos da pesquisa não têm essa dimensão e veem a produção textual separadamente da leitura.

Muitos estudiosos têm se preocupado em pesquisar e fazer sugestões didáticas para trabalhar a produção textual na escola. Apesar dessas importantes contribuições, na nossa pesquisa, observamos que a escola parece ainda não ter alcançado avanços que proporcionem uma melhora significativa na qualidade dos textos produzidos pelos alunos. Estes continuam enfrentando sérias dificuldades na produção de textos, especificamente o texto literário.

São vários os problemas dessa falta de sintonia entre as contribuições teóricas e a prática pedagógica, e vão desde à inadequação à situação de produção, à seleção e hierarquização das informações, à questão dos fatores de textualidade até a falta de conhecimento sobre o que escrever. As produções são descontextualizadas, e nem sempre voltadas para situações comunicativas concretas.

Observamos que os alunos estavam acostumados ao professor fornecer o tema e eles produzirem o texto. Entendemos que mais do que "dar a redação" aos alunos, é preciso ensiná-los a redigir, a desenvolver estratégias de produção apoiadas em práticas significativas que levem os alunos a produzir textos com competência e autonomia.

Sabemos que a eficiência na prática da escrita é o resultado de um processo. Depende da realização constante de atividades de escrita que concretizem alguns pressupostos básicos norteadores de um caminho trilhado ao longo dos anos. Não se aprende do dia para a noite. Aprender a escrever depende da concretização de propostas pedagógicas eficientes.

Quando falamos em reescrita na sala, os alunos desconheciam o que era, entretanto, consideramos que a reescrita de textos pode contribuir para a melhoria das produções textuais dos alunos. Ao professor cabe orientar os alunos a escrever diferentes versões do seu texto, até que ele alcance um nível satisfatório. Ao aluno cabe procurar melhorar seu texto e encontrar diferentes formas de se expressar. Os alunos ,envolvidos em um processo de reescrita do texto, orientados e estimulados pelo professor, passam a promover a autonomia a consciência sobre o que sabe, o que precisa aprender, o que precisa melhorar.

Constatamos, ainda, na turma do 2º ano que a metodologia de seleção de textos é aleatória, e isso acontece pela facilidade em que as atividades e resumos de obras são encontrados na internet e, muitas vezes, já com gabaritos. Não que seja demérito a utilização de cópias de textos, mas que eles não passem de apenas resumo e atividades entreguem fortuitamente sem nenhum compromisso com o aprendizado; mas que esses resumos sejam incorporados como mais um elemento auxiliador na sala de aula visando outra forma de conhecimento, "a cópia nesse caso, não é usada com uma finalidade em si mesmo, mas como meio para o professor poder atingir outros fins, desenvolver outras atividades a partir do conteúdo dado" (CARBONARI, SILVA, 2011, p. 99).

Observamos que os discentes estão chegando e saindo do Ensino Médio, seja ele regular ou EJA, com muita dificuldade de leitura e de interpretação de textos e isso se tornou claro quando intervimos nas aulas de Língua Portuguesa da referida turma;

constatamos que a gramática é mais beneficiada de que a leitura literária, e essa metodologia, frequentemente, dá-se como modelo apresentado pelo o material de referência utilizado na escola, ou seja, o livro didático propriamente dito, ou fragmentos de textos extraídos da internet. Sabemos que existem bons livros didáticos e que abordam os estudos da literatura com exatidão. Tomamos como exemplo o livro "Português: linguagem" de Cereja e Magalhães, eles abordam a literatura com muita precisão; "um primeiro aspecto a destacar em livros didáticos de literatura recentemente publicados é a diversidade de autores e de reedições (...), há uma boa quantidade de livros no mercado" (Pinheiro, 2006, p. 106). De fato, existem inúmeras publicações com diferentes autores, mas nem todos tratam a literatura como deveriam, salvo algumas exceções, como autores já citados, em outro livro "Literatura Brasileira". Como diz Pinheiro, eles apresentam referências minimamente satisfatórias (p.107). Mas, esses livros não trazem as obras completas, aí é que está a chave do problema, trabalham com fragmentos de textos de obras literárias, de autores renomados que estão inseridos nos clássicos da literatura, os chamados cânones, com poemas, com as classificações das escolas literárias. Vi, *in loco,* essa materialização na turma que intervi: diante das falas dos alunos "*o professor chega à sala de aula já com os textos impressos e faz uma rápida leitura*", nos levando a crer que não há nenhum aprofundamento substancioso do assunto, entregava-os para que os alunos, em um curto espaço de tempo lessem e, posteriormente, eles mesmos, partindo do que entendera construíssem suas próprias opiniões sem nenhum aprofundamento explicativo por parte do professor.

Isto posto, podemos perceber que são aulas evasivas e que enquanto professora estagiária, tentei contribuir para que essa intervenção preenchesse um pouco essa lacuna. A falta de leitura compromete drasticamente o aprendizado do aluno tornando-o, cada vez mais, distante de todo contexto social. O direito, por direito, de eles terem na escola uma carga horária dedicada exclusivamente às leituras literárias – à discussão - a grupos de estudos, estes, sempre mediados pelo o educador e, acima de tudo, o mais importante, com professores específicos dessa área, parece uma coisa longínqua, mas não impossível, acredito. Ainda assim, mesmo sem esse tempo e espaço, o professor precisa passar para os alunos a importância que a Literatura tem e a influência que ela exerce na construção de cidadão e na inserção deles num contexto social. É preciso analisar os conteúdos referentes a procedimentos não do ponto de vista de uma aprendizagem mecânica, mas a partir do propósito fundamental da educação (PCN, p.

74, 2001). Para isso acontecer, o professor precisar estudar as teorias, observar a prática, relacioná-las e, a partir disso, pensar e executar suas alternativas com mais propriedades.

Contudo, cabe ao professor utilizar-se de estratégias e metodologias que saiam desse modelo tradicional, para que os alunos sintam-se aconchegados envoltos aos textos literários e desenvolvam, a partir desse novo método, o deleite pelas leituras, literárias transformando-os em leitores críticos capacitados... Faz-se necessário e urgente o letramento literário: empreender esforços no sentido de dotar o educando da capacidade de se apropriar da literatura (OCEM, p.55, 2006). Para que isso aconteça, é necessário que os professores estejam sintonizados com os novos estudos sobre leitura e escrita.

O propósito maior, acreditamos, é seduzir pelo o prazer e não pela imposição. pudemos perceber que esse é o equívoco mais comum praticado pelas escolas. Somos sabedores que a prática de leitura deve começar desde o início da escolarização, mesmo quando a criança não sabe ler, visto que, mediante as historinhas, contribuímos com elas a se formar na vida, Segundo Colomer (2007, p. 102), aprender a ler e a escrever é, para muitas delas, a primeira experiência de que podem não alcançar as expectativas do que delas se espera. Futuramente, quando a criança já for literata, ela deve se envolver ativamente nas leituras, posto que, isso é uma atividade social, é de Lei que todos tenham esse direito tão substancial, que é o ato de ler, no entanto, *a mediação deve existir porque a literatura é importante para os humanos, e os alunos são responsáveis por incorporá-las às novas gerações* (COLOMER, 2007, p.104).

A despeito das dificuldades, o educador não pode abertamente desconsiderar conteúdos elementares na formação do aluno, tanto na área do conhecimento, como na sua consequente socialização. Além de mediador o professor precisa estar atualizado em seus conhecimentos literários para assim, poder proporcionar mais segurança no que irá ensinar aos seus alunos. Lamentavelmente a escola bem como a família tem falhado nesse dever. Se o que almejamos é formar leitores críticos proficientes os mediadores precisam, previamente, serem leitores. Nenhuma pessoa dá o que não dispõe, sendo assim, jamais poderemos ensinar o que não sabemos o que não conhecemos!

Isso mostra que a escola não tem cumprido satisfatoriamente o compromisso de ensinar aos alunos a competência de escrever textos com proficiência

7.0 - Relato de experiência

7.1 O ensino de literatura no campo de pesquisa

A escola de atuação foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Raul Córdula, em Campina Grande–PB. Com prévia autorização do diretor e do professor titular da disciplina Língua Portuguesa, pudemos dar início a prática didática na referida escola. As aulas eram para serem ministradas durante dez encontros, com duas aulas em cada um. No entanto, devido a alguns contratempos inevitáveis, relacionados a todas instituições estaduais de ensino da Paraíba, não fora possível a realização desses, cumprindo apenas quatro encontros dos dez previamente planejados. O primeiro contato com a turma aconteceu no dia **18 de março**. Com a permissão do professor titular, pudemos fazer uma sondagem de "horizonte de expectativa" com várias questões abordando a prática de leitura entre outros questionamentos. O motivo dessa sondagem foi para ter uma noção do perfil literário dos alunos para auxiliar na produção do Módulo Didático, esse, fora feito partindo das informações obtidas da referida pesquisa. A turma que foi apresentada a proposta de leitura, especificamente a leitura literária, com um módulo de apoio elaborado cuidadosamente, foi a turma do 2ºno do ensino médio regular, composta por 20 alunos de faixa etária entre 18 a 25 anos de idade.

Em consequência de as escolas estaduais se encontrarem em greve, nossa primeira aula de literatura aconteceu na UEPB no dia 24 de abril titulada como Aula Piloto; essa se deu com a presença dos colegas de sala e dos nossos professores do estágio IV. Nessa aula, foi apresentada a música Meu Guri de Chico Buarque juntamente com a crônica Mineirinho de Clarice Lispector que abordavam o mesmo tema "violência urbana".

Como elemento motivador, iniciamos com a música "Meu Guri", logo em seguida, fizemos uma reflexão sobre a letra da canção que trata de aspectos relacionandos à violência em todo seu contexto. Posteriormente, veio a crônica "Mineirinho", na qual Clarice se posiciona em defesa dos direitos humanos por discordar da forma cruel como fora morto o bandido, personagem principal do texto, causando um certo alvoroço nos alunos sobre o posicionamento da Autora. O que foi

notável nessa aula, foi que ao conduzir os alunos para mais perto do texto, percebi que os mesmos ficaram instigados a se posicionarem criticamente sobre o tema ‘violência urbana’ tornando a aula mais dinâmica e interativa, menos tediosa.

Com isso, vê-se que o ensino da Literatura cumpre sua função social, quando leva o aluno a se identificar com o texto literário e, ainda, ao refletir sobre a maneira que a linguagem literária se desenvolve neles ajudando a dar sentido ao texto. De imediato, o debate e a voz dos alunos tiveram prioridade, eles foram levados a oferecerem um sentido coerente e a se posicionarem ao que estava sendo defendido na crônica por Clarice Lispector, assim, como afirma Cosson (2009, p. 21), "a leitura literária tem o poder de fazer os alunos refletirem sobre si, sobre o mundo a sua volta e, com isso, poderá se posicionar na sociedade", esse é o objetivo que a Literatura quer alcançar, só depende da metodologia que o professor trabalha em sala de aula.

Decretada a ilegalidade da greve pelo Tribunal de Justiça no dia 24 de abril, os professores retomam suas atividades normais. Passado esse período, o estágio de intervenção finalmente teve início no dia **06/05/2015**, tardio pelo fato de as escolas terem passado um período de três semanas fechadas, impossibilitando o início da data determinada pela coordenação do estágio. Assim, pudemos desenvolver junto com a turma, as atividades planejadas mediante a proposta didática junto com o módulo, anexos a esse artigo, que além de ser uma exigência do componente curricular do estágio IV, é também um suporte para o professor-estagiário de literatura ou de língua portuguesa. Sem perca de tempo, apresentamos a proposta didática e o módulo para o docente e, seguidamente, aos alunos, sendo de imediato, aprovados por todos.

A aula de literatura na escola, aconteceu efetivamente no dia **03 de junho**. Com consentimento unânime da proposta didática, iniciamos a aula fazendo uma breve sondagem com os alunos sobre o conhecimento que tinham sobre o artista Chico Buarque e de suas músicas. Pouquíssimos alunos afirmaram conhecer o compositor, outros relataram não ter nenhum conhecimento sobre o seu trabalho. Mesmo com o desconhecimento dos alunos, consideramos que seria uma aula produtiva, onde iria instigar a criticidade dos mesmos por meio da letra da música de um autor até então desconhecido por eles.

Em seguida, apresentamos a música “Meu Guri” do cantor supracitado, que retrata a vida de uma mãe pobre que não tem condições de sustentar o filho, e este acaba buscando o caminho do crime para ascender socialmente na vida. Durante a discussão e análise da música, buscamos fazer um paralelo entre o “guri” retratado na letra da

canção com os “guris” da atualidade que também buscam a criminalidade como uma maneira mais fácil de conseguir bens materiais, ao invés de caminhos mais plausíveis como a aceitação dos ensinamentos acadêmicos, caminhos esses que conduzem ao crescimento humano e a inserção no meio social em toda sua extensão.

Em todas as reflexões feitas nas aulas, os alunos se posicionaram a respeito, com uma participação significativa, dessa feita, conseguimos instigar o debate e a reflexão envolvendo a temática da aula “violência urbana”, uma das propostas da sequência didática. Segundo Cosson (2009), "é desta maneira que a Literatura cumpre sua função social na escola", induzindo o estudante a se posicionarem criticamente sobre as questões sociais que o envolvem de maneira segura e autônoma.

No dia **10 de junho,** retomamos o assunto da aula passada, dessa vez, para a resolução dos questionamentos e para tirarmos dúvidas que por ventura pudessem ainda existir, já que o tempo não fora suficiente para desenvolver essa atividade no encontro anterior, até porque o texto em questão trouxera uma discussão com tema proposto de muita repercussão, deixando a aula mais produtiva. Foram seis questionamentos abordando: a exclusão social, as condições socioeconômicas do eu lírico dos personagens, entre outros temas interligados, culminando em uma pequena produção de texto. Pudemos perceber que as atividades em sala de aula precisam ser diferenciadas e criativas, com tema atuais que o envolvam, provoque-os e leve-os a pensar.

Como incentivá-los à leitura? O grande educador Rubens Alves nos diz que: não é impondo-o a ler. Essa ligação com a leitura tem que ser um elo afetuosa quando o professor fala, causa interesse no aluno, e o aluno interage mutuamente fazendo perguntas. Ler não porque foi imposto, quando o professor impõe à leitura, quebra o encanto. Então o professor tem que criar o gosto pela leitura.E como cria o gosto pela leitura? Não mandando ler, mas lendo. Essa é a função da literatura, provocar, criar beleza e prazer.

Faz-se necessário que a escola atual considere que as constantes mudanças das emendas educacionais e as exigências que a sociedade faz referente a uma boa educação façam uma revisão nos projetos pedagógicos apontando as negativas e refazendo-as, de modo a contemplar, com mais diligência, seus métodos adotados até então, na formação de leitores capacitados. Em consonância com Pinheiro (2011), "a leitura, principalmente enquanto escolha motivada pela necessidade de aprendizagem sistemática é uma atitude de conhecimento que vamos formando", ao longo do nosso caminho enquanto formação de sujeito. Segundo Cosson (2009, p. 63), a literatura cumpre importante papel no

desenvolvimento do ser humano, ação que pode se desenvolver tanto no sentido de estimular a escrita e de agregar conhecimentos, como no sentido mais amplo de melhoria das relações sociais, educando sentimentos e proporcionando a compreensão do andamento da sociedade. Nesse sentido, a aula nesse momento fora muito produtiva, pois conseguimos além de promover o exercício de reflexão com base nos problemas sociais, apontados na música, pudemos estimular a escrita dos alunos, partindo de uma primeira produção, observando as falhas gramaticais, a coesão e as coerências da produção propondo-os uma reescrita até uma produção final, num trabalho minucioso.

No dia **17/06/2015**, apresentamos outra forma de texto literário, dessa vez em forma de poema que seria "Morte do Leiteiro", um poema de Carlos Drummond de Andrade com intuito de fazer um contraponto com a música "Meu Guri", da aula passada. Mas, fomos surpreendidas pelos alunos de que os mesmos não iriam assistir aula, esses, por motivos "fúteis", iriam assistir a um show de uma banda de forró, deixando evidente um não compromisso com o aprendizado, perdendo oportunidade e frustrando o trabalho do estagiário-professor que o fizera com tanto dedicação.

Nosso propósito era apresentar outra forma de abordar o tema em questão. Lamentavelmente, não pudemos concluir de forma satisfatória o estágio de intervenção e demos por encerrado nosso trabalho na referida escola, concluindo que os discentes em questão, não estavam preocupados com a própria aprendizagem, pois, renunciar um momento da aula por causa de um evento banal, que em nada vai somar em seu conhecimento intelectual no que diz respeito a sua visão crítica por meio da aprendizagem é um tanto difícil para nós professor que em nada, nesse sentindo, podemos fazer. Refleti com esse fato, que muitos estão em sala de aula, não para desenvolver habilidades e conhecimento de fato, mas para receber um diploma, que no futuro, não vai significar nada se o aprendizado não acontecer, efetivamente.

O estágio de intervenção, apesar de ter acontecido de forma conturbada, foi uma experiência singular e positiva, pois a partir dessa vivência, pudemos constatar que uma boa aula de literatura não depende só de um bom material didático e de uma boa metodologia em que as aulas são pautadas, depende também do envolvimento e interesse dos alunos em querer aprender. Igualmente, refletimos que a carreira de um professor é pautada no enfretamento de muitos obstáculos e que, nós, futuros professores, precisamos procurar caminhos para superar esses obstáculos da melhor maneira possível, sem deixar que essas barreiras afetem a qualidade de nossa prática pedagógica.

8.0 Considerações finais

O Estágio Supervisionado tem como escopo proporcionar ao discente experiência ímpar na acadêmica do profesor-estagiário. Essa oportunidade é singular, pois podemos *in loco* vivenciar a realidade das escolas no tocante a qualidade da educação na sua execução diária. Estão-se cursando uma licenciatura, nada é mais benéfico do que intervir, expor, construir coletivamente um conhecimento por intermédio da prática docente.

A ação de ministrar aulas entendida como a ação de lançar um olhar acadêmico-científico sobre as ações de ensino-aprendizagem, bem como de avaliar a relação professor-aluno, e vice e versa, é preponderante para a nossa formação, pois nos possibilita ter uma formação reflexiva que nos ajudará quando estivermos efetivamente em sala de aula. Salientamos que a intervenção não consistiu em somente substituir o professor(a) titular nas suas aulas, mas sim de se entender como se dá o processo de ensino e de aprendizagem dos conteúdos na relação educadores-educandos.

Na função de professor, pudemos testar algumas teorias aprendidas na universidade, ver os resultados, e analisá-los. Com isso comprovamos o entendimento de que não há saber pronto, acabado, mas, em construção contínua. Até mesmo o planejamento feito por nós por algumas vezes teve de ser adaptado, refletido em sua constituição e mudado na sua aplicação. Entendo o estágio como uma importante oportunidade para nos colocarmos no papel de profissionais da educação. Função que deve ser levada a sério, pois o produto com que se está trabalhando são seres humanos, com seus contextos de vida, suas dificuldades, suas necessidades, suas expectativas, etc.

O Componente Curricular Estágio Supervisionado foi elementar para nossa atuação. Depois do estudo de muitas teorias tais como o processo de leitura, de escrita, de análise linguística, o estudo da gramática, o processo de ensino e de aprendizagem, e as concepções subjacentes a cada uma dessas teorias, tivemos a oportunidade de Observar, ministrar aulas num contexto real onde essas teorias devem ser colocadas em prática.

Em síntese a elaboração de um projeto tem que ter como propósito de: estimular o regozijo da leitura e afiar a capacidade cognitiva e inventiva do aluno; motivar o desenvolvimento do glossário, concedendo a efetivação de conjunto de regras

estabelecidas pela gramática normativa que ensina a grafia correta das palavras; oportunizar o ingresso aos diversos tipos de leitura em sala de aula, procurando consumar durante o tempo do processo a leitura e a escrita; incitar o querer de novas leituras; viabilizar o contato com as emoções, o uso da fantasia e da imaginação; facilitar as produções orais, escritas e em outros vocábulos; acarretar aos alunos por meio da leitura, instantes de ampliação de novos horizontes pessoais e culturais, reservando a sua formação crítica e de independência.

A experiência obtida com a pesquisa nas turmas do ensino médio foi muito relevante em todos os aspectos, principalmente sobre as dificuldades de leitura e produção e escrita de textos. Percebemos as dificuldades dos alunos em relação a esses aspectos a partir da realidade vivenciada, notamos que o ensino de leitura e produção textual ainda é um problema a ser resolvido nas escolas e fora delas.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Cultura letrada**: literatura e leitura / Márcia Abreu. – São Paulo: Editora UNESP, 2006.

AGRA, Elizabete Borges. Prática Pedagógica II. Campina Grande: EDUEPB, 2010.

ALMEIDA, M. F. *O desafio de ler e escrever na escola*: experiências com formação docente. João Pessoa: Ideia, 2013.

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. PCNs+ Ensino Médio: **orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais + (PCN+)* - ***Ciências da Natureza e suas Tecnologias***. Brasília: MEC, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: **introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CARBONARI, Rosimere, SILVA, Ana Claúdia da. **Cópia e leitura oral**: **estratégias para ensinar?** In: Apender e Ensinar com textos didáticos e paradidáticos / Coord. Geral Ligia Chiappini - 6. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

COLOMER, Teresa. Andar entre livros: **a leitura literária na escola** / Tereza Colomer; {Tradução}. – São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. Letramento literário: **teoria e prática** / Rildo Cosson. – 1. ed., 3ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2009.

FRANCELINO, Pedro Farias (et al) Ações de linguagem. **Da formação continuada à sala de aula**. João Pessoa: editorta Universitária da UFPB, 2010.

Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 239 p. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 1)

MARIA, Luzia de. Leitura & colheita**: livros e formação de leitores** / Luzia de Maria. 2 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. Selma Garrido Pimenta, Maria do Socorro Lucena Lima. – 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PINHEIRO, Helder. **Reflexões sobre o livro didático** de literatura. In: Português no ensino médio e formação/ Clécio Buzen Mendonça (organização; Angela B. Kleiman (et al.) – São Paulo: Parábola Editorial, 2006.